ZICO O ídolo quer os craques longe dos bandidos

INDIO DA COSTA O vice de José Serra é bom de briga

Editora ABRIL
edição 2175 - ano 43 - nº 30
28 de julho de 2010

veja

PERDÃO

A sensação de liberdade de quem conseguiu tirar da alma o peso da mágoa

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA
R$ 8,90

O PODER DO PER

Assumir um erro, repudiá-lo e demonstrar arrependimento, de um lado, e ser capaz de afastar a sensação de injustiça causada por uma ofensa, do outro — eis a equação de uma das atitudes morais mais nobres e emocionalmente complexas já criadas pela civilização ocidental

ANA CLAUDIA FONSECA

"Para as ofensas, a maior arma é o esquecimento. E no esquecimento que se igualam vingança e perdão", escreveu o escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) sobre Jó, o mais fervoroso protagonista do Velho Testamento.

Um dos mais belos textos bíblicos, o Livro de Jó conta como o mortal foi devastado pelos efeitos do que parecia ser a princípio uma simples aposta entre Deus e Satã. Para provar a Deus que toda a devoção a ele se devia às graças concedidas aos mortais, Satã propôs um experimento com Jó. Deus permitiria que, passo a passo, Satã fosse tirando a riqueza, a saúde e, finalmente, o amor da família e o respeito dos amigos do seu fiel servidor. Jó então abandonaria sua fé. Pois o homem de fé perdeu sua fortuna, viu seu corpo ser coberto de chagas, um a um seus dez filhos morreram e ele se tornou alvo do escárnio e da humilhação por parte dos amigos. Jó, porém, perseverou na fé e esqueceu as provações. A mensagem dos céus foi passada (por ter muita fé, um homem pode se achar merecedor de fortuna, saúde e amor, mas isso nada vale se aos olhos de Deus ele é um pecador) e Jó, antes de recuperar tudo o que tinha em dobro, diz-se arrependido e pede perdão ao Senhor.

DÃO

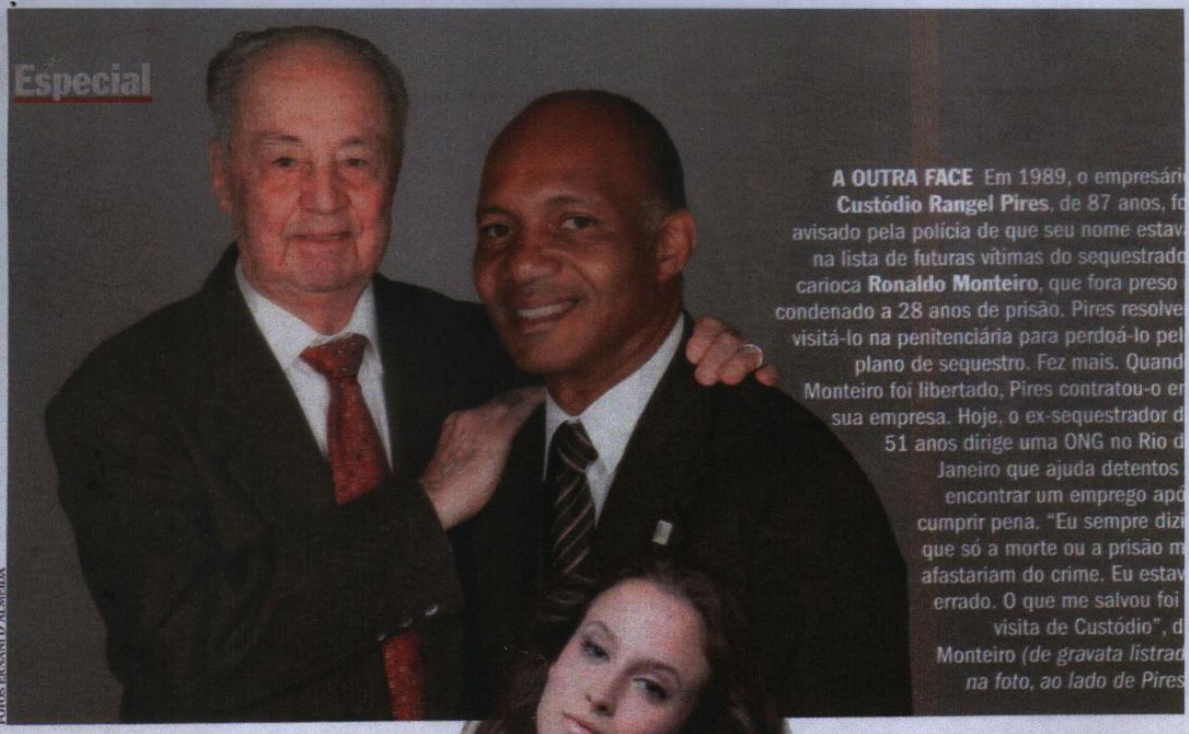
Mas não teria de ter sido o contrário? Não deveria ter sido Deus a pedir perdão a Jó por tê-lo usado arbitrariamente para ganhar uma aposta com Satã? Aos nossos olhos imperfeitos, sim. Mas a extraordinária história bíblica é uma amostra apenas de como as religiões, mesmo valorizando alguma forma de reconciliação entre o ofendido e o ofensor, ficaram muito aquém de desenvolver o moderno conceito de perdão.

E o que é o perdão hoje?

O perdão laico pressupõe uma transformação moral tanto do agressor como de quem foi agredido. Para haver perdão, é preciso, de um lado, arrependimento sincero e, do outro, disposição para apagar os ressentimentos. Esse é um processo complexo. Como saber, por exemplo, se o remorso demonstrado por um assassino é verdadeiro ou apenas um gesto dissimulado? Como é possível mirar em seus olhos, lembrar de seus crimes e ainda assim dar o indulto que lhe permitirá sentir-se menos sufocado pelo peso da culpa? Em entrevista a VEJA, Guilherme de Pádua — o homem que, junto com sua então mulher, Paula Thomaz, matou a atriz Daniella Perez, em 1992 — diz que espera ser perdoado pela mãe da vítima, a dramaturga Glória Perez. Pádua acha que não é atendido porque, segundo ele, "o perdão está nas mãos de quem perdoa". Vale a ressalva: ser merecedor de perdão está nas mãos de quem deseja ser perdoado. Pádua preenche esse requisito? Leia a entrevista na página 136 e tire sua própria conclusão.

A ideia de que perdoar exige um processo de mão dupla é empregada com naturalidade nas mais diversas instâncias da vida contemporânea — entre marido e mulher, entre colegas de trabalho, entre nações, entre empresas e consumidores. Trata-se, no entanto, de um conceito recente em termos históricos e que reflete uma conquista ética da civilização ocidental. No livro *Before Forgiveness — The Origins of a Moral Idea* (Antes do Perdão — As Origens de uma Ideia Moral), previsto para chegar em setembro às livrarias americanas, o filósofo David Konstan, da Universidade Brown, em Rhode Island, diz que a fórmula acima não existia nem na Antiguidade clássica nem no início do cristianismo. O conjunto de valores e atitudes que forma a moderna concepção de perdão tampouco era encontrado nas culturas orientais, na América pré-colombiana ou nas tribos africanas. "Até o Iluminismo, no século XVIII, o perdão só existia com a intermediação divina", diz Konstan. No sistema moral da Grécia antiga, por exemplo, não havia admissão de culpa. Os erros humanos eram frequentemente atribuídos ao capricho dos deuses. Em todos os documentos do período que descrevem algum pedido de desculpas, não há remorso verdadeiro por parte de quem cometeu o erro, apenas um desejo de se livrar de uma possível punição. Na *Odisseia*, de Homero, Ulisses mata cada um dos 108 pretendentes à mão de sua esposa, Penélope. Um deles, Eurímaco, pede clemência e oferece dinheiro como reparação. Não há arrependimento por parte de Eurímaco, mas a inten-

MONTAGEM COM FOTO SUPERSTOCK/GRUPO KEYSTONE



FOTOS BENANI D'ALMEIDA

A OUTRA FACE Em 1989, o empresári **Custódio Rangel Pires**, de 87 anos, fo avisado pela polícia de que seu nome estav na lista de futuras vítimas do sequestrado carioca **Ronaldo Monteiro**, que fora preso condenado a 28 anos de prisão. Pires resolve visitá-lo na penitenciária para perdoá-lo pel plano de sequestro. Fez mais. Quand Monteiro foi libertado, Pires contratou-o er sua empresa. Hoje, o ex-sequestrador d 51 anos dirige uma ONG no Rio d Janeiro que ajuda detentos encontrar um emprego apó cumprir pena. "Eu sempre dizi que só a morte ou a prisão m afastariam do crime. Eu estav errado. O que me salvou foi visita de Custódio", d Monteiro *(de gravata listrad na foto, ao lado de Pires*

SEM SINCERIDADE, NÃO HÁ PERDÃO

Os atributos que permitem à esbelta **Stephanie Promise**, de 17 anos e 1,80 metro de altura, seguir uma promissora carreira de modelo já lhe renderam muito sofrimento. Na adolescência, em São Paulo, ela era vítima de bullying. Os colegas a chamavam de varapau e zombavam de sua pele muito branca: "Eu era humilhada todos os dias e tive de mudar várias vezes de escola". Stephanie recusa-se a perdoar quem a perseguia, porque não sente sinceridade nas tentativas de reaproximação. "Só porque agora apareço em revistas e consigo convites para as melhores baladas as meninas vêm dizer que são minhas amigas e os garotos me chamam para sair", diz Stephanie. A todos os que mudaram de atitude por interesse, ela reserva o desprezo.

ção de se safar da morte. No segur livro de *Retórica*, uma extensa anál das emoções humanas, o filósofo g go Aristóteles (384-322 a.C.) avali raiva e o seu oposto, o apaziguamer O pensador sugere várias maneiras apaziguar uma pessoa irada. Uma de é mostrando arrependimento: "As p soas sentem-se mais dispostas diante quem não as enfrenta". Em nenh momento, no entanto, Aristóteles su re a necessidade de uma mudança atitude do agressor.

Nos tempos do Império Ror no, um gladiador podia, a ped do público reunido ao redor arena, receber a piedade César e ser poupado da m te. O imperador usava e benevolência inclusive campos de batalha, a fim atrair inimigos para o seu lado. Ha portanto, um cálculo político por da absolvição. O Velho e o Novo Te mento também trazem histórias de j dão, mas sempre como uma dádiva vina. Quando Jesus ressuscita Láz e perdoa seus pecados, é acusado blasfêmia por uma testemunha. Je responde: "O Filho do Homem tem bre a terra autoridade para perdoar cados". Com isso, dá a entender que representante de Deus e, portanto, p agir em Seu nome. Essa prerroga — conferida mais tarde aos papas e padres — era tão valorizada que a I

A CULPA DA CORPORAÇÃO
Em abril, o motoboy Eduardo dos Santos, de 30 anos, foi brutalmente espancado por nove policiais em um quartel da Polícia Militar de São Paulo e morreu de traumatismo craniano. O coronel **Álvaro Camilo** resolveu fazer algo incomum na corporação: escrever uma carta de próprio punho para a mãe do rapaz: "Eu queria me solidarizar com a dor dela e pedir perdão". Mesmo não tendo participado do crime, o coronel Camilo se sentiu responsável, por ser o comandante da PM paulista. Ele acha que, para quem acabou de perder um filho, um pedido de desculpas vale mais do que a prisão dos envolvidos ou a indenização do estado. A mãe de Eduardo, a pedagoga Elza Pinheiro dos Santos, aceitou as desculpas do coronel.

FOTOS LAILSON SANTOS

marca que matou uma família americana. "Os consumidores compraram nossos carros porque achavam que eram os mais seguros do mundo. Não era o caso. Mal posso começar a expressar meu remorso", disse Toyoda.

A transparência ressoa junto aos clientes, em geral dispostos a perdoar os erros de uma boa empresa arrependida, voltando a comprar seus produtos. "O prejuízo a longo prazo é maior quando se tenta acobertar o problema", diz Luiz Alberto de Farias, professor de estratégia e relacionamento com a mídia da Universidade de São Paulo. Como sempre, é preciso que os prejudicados sintam sinceridade no pedido de desculpas. A demora da empresa BP em reconhecer a responsabilidade pelo vazamento, em abril, de petróleo no Golfo do México apenas serviu para pôr em dúvida a validade do arrependimento. O mea-culpa só aconteceu depois de uma reunião dos executivos da BP com o presidente americano, Barack Obama.

Reconhecer os erros. Essa é a chave para ofendidos e ofensores afastarem as angústias causadas pelos problemas do passado. Em 2003, o austríaco Kurt Schaechter, de 82 anos, entrou com um processo na Justiça francesa exigindo 1 euro de indenização da SNCF, o sistema de trens franceses, para obrigar a empresa a reconhe

PERDOADOS

ARREPENDIDOS, MAS NEM SEMPRE PERDOADOS

No mundo das celebridades, quando o vexame é público, o pedido de desculpas também deve ser público. Exceto quando há interesses políticos em jogo, a traição é a ofensa mais difícil de ser perdoada

CHRIS BROWN
O rapper americano bateu na namorada, a cantora Rihanna, em 2009. Condenado a serviços comunitários, Brown pediu desculpas aos fãs e a Rihanna. Ela rompeu o namoro, mas o perdoou

JÚLIO CÉSAR
O goleiro da seleção desculpou-se pelos erros na derrota contra a Holanda, na Copa do Mundo. No voo de volta ao Brasil, recebeu o perdão dos passageiros da classe econômica

LUÍS FLORIANO MENEGH
Xuxa ficou sete anos sem f com o pai, depois de desc que ele tinha uma amante Os dois reataram em 1997 Em 2001, ela o recebeu em seu programa

cer o seu papel na deportação de 76 000 judeus da França para campos de extermínio nazistas entre 1942 e 1944. Desses, apenas 2 500 sobreviveram. Os pais de Schaechter não tiveram a mesma sorte. Para o austríaco, a remuneração era irrelevante, mais valia o reconhecimento de culpa. A história de Schaechter mostra o valor simbólico do perdão. Esse simbolismo é a base dos pedidos de desculpas de caráter coletivo entre nações ou povos. "A ideia de um estado se desculpar por seus erros, hoje um recurso comum na diplomacia, foi inaugurada pela Alemanha décadas depois do holocausto", diz o cientista político americano Mark Gibney, autor do livro *A Era do Perdão — Enfrentando o Passado.*

Willy Brandt (1913-1992) foi o primeiro governante alemão a expiar as culpas pelas atrocidades do Terceiro Reich, das quais, diga-se, não participou. Durante visita oficial à Polônia, em 1970, o chanceler foi levado pelas autoridades ao gueto de Varsóvia, onde milhares de pessoas foram vítimas do nazismo. Diante das ruínas, Brandt não se conteve e caiu de joelhos, em silêncio. Em seu diário, ele escreveu: "Ao carregar o fardo dos milhões assassinados, fiz o que as pessoas fazem quando lhes faltam palavras". O sentimento de muitas vítimas ou de seus parentes é de que o holocausto é imperdoável. Por

SEGUNDA CHANCE O ressentimento mútuo era a marca do relacionamento entre a estudante de fisioterapia **Marcela Martins**, de 24 anos, e o administrador de empresas **Eder Vieira**, de 26. Da parte dela, por causa das frequentes infidelidades do namorado; da parte dele, porque, para se vingar das traições, ela se esforçou para afastá-lo de sua família. Quatro anos depois de se separarem, eles se reencontraram e se perdoaram. "Ele apareceu na minha porta e se mostrou tão arrependido que decidi lhe dar outra chance. Fiz a coisa certa, pois ele realmente mudou", diz Marcela. Os dois moram juntos em São Paulo há oito meses e querem se casar.

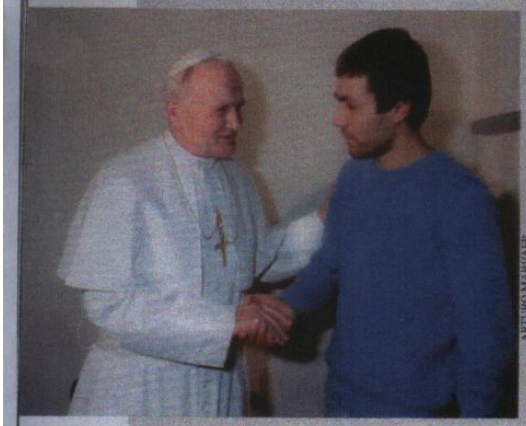
NÃO PERDOADOS

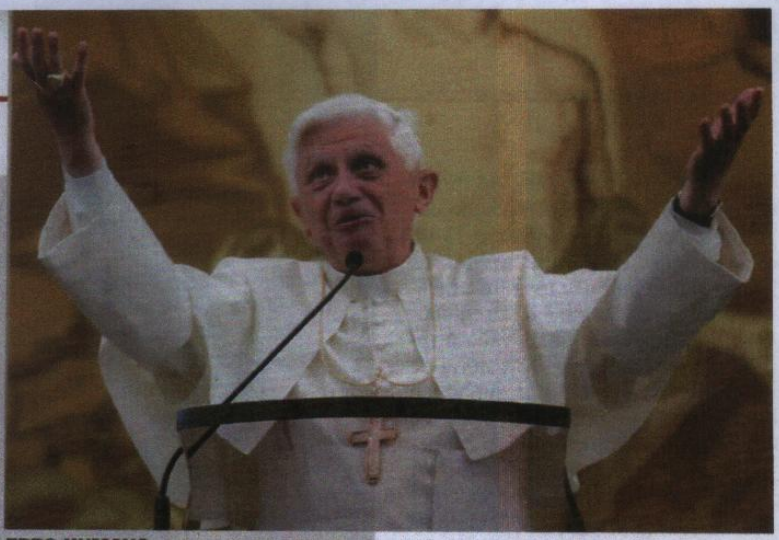
BILL CLINTON
Em 1998, o presidente americano se disse arrependido, em cadeia nacional, pelo affair com uma estagiária. "Enganei as pessoas, inclusive minha esposa", disse. Bill e Hillary Clinton continuam casados

TIGER WOODS
No ano passado, o golfista americano pediu perdão à mulher, Elin Nordegren, e aos fãs pelas estripulias extraconjugais. Não foi o suficiente para evitar o divórcio de 100 milhões de dólares

MELISSA SMITH
A stripper enviou uma carta a Sandra Bullock pedindo desculpas pelo affair com o marido da atriz americana. Foi ignorada

FOTOS: ESTER CORE/NYREIMAGE; MICHAEL KOOREN/REUTERS (LE); FERNANDA FERNANDES; MATT SULLIVAN/REUTERS E SUSAN WALSH/AP





ARTURO MARI/AFP

ERRO HUMANO *Acima, Bento XVI. Ao lado, João Paulo II perdoa Ali Agca, que tentou matá-lo*

O maior legado de João Paulo II

Em 2000 anos de história, apenas nas últimas cinco décadas a Igreja Católica passou a expiar a culpa de seus representantes. "O papa João XXIII (1958-1963) revisou a doutrina da Igreja com o intuito de buscar a reaproximação com o mundo moderno", diz o padre João Batista Libanio, professor de teologia da Faculdade Jesuíta de Minas Gerais. Seus ensinamentos foram postos em prática pelo sucessor, Paulo VI (1963-1978), o primeiro pontífice a fazer um pedido oficial de desculpas. Em documento enviado aos membros do clero, ele pediu perdão a Deus "e aos irmãos do Leste" pelo Cisma do Oriente, que dividiu os católicos em duas Igrejas, a romana e a ortodoxa, em 1054. Mas foi só no pontificado de João Paulo II (1978-2005) que se começou a fazer uma exploração teológica da ideia de assumir a responsabilidade por erros do passado e de pedir perdão ao próximo, e não a Deus ou a outros sacerdotes.

Durante seus 27 anos de papado e mais de 100 pedidos de desculpas, João Paulo II criticou o obscurantismo científico do clero, que perseguiu, entre outros, Galileu Galilei e Charles Darwin. Denunciou os abusos cometidos pela Inquisição, a evangelização forçada de povos nativos, as Cruzadas e o antissemitismo durante a II Guerra Mundial. João Paulo II perdoou seu agressor, o turco Mehmet Ali Agca, que atirou três vezes contra ele, ferindo-o gravemente. Ainda internado no hospital, o papa pediu às pessoas que rezassem "pelo irmão que atirou em mim, a quem, sinceramente, perdoei". Dois anos depois, visitou Agca na prisão, perdoando-o pessoalmente. Alguns fiéis viram com desconfiança a investida do papa na seara do perdão interpessoal. Outros elogiaram a coragem de João Paulo II e viram em seus gestos de humildade um sinal da autenticidade da sua fé. Seu sucessor, Bento XVI, seguiu essa escola e recentemente pediu desculpas pelos abusos sexuais cometidos por padres pedófilos.

Em nenhum momento os papas reconheceram que a Igreja errou. Os pecados foram de padres preconceituosos e missionários. Como manifestação direta de Deus na terra, a Igreja Católica, como instituição, nunca erra. Quem erra são os homens que ocasionalmente ocupam cargos no seio da Igreja. Em muitas ocasiões, os pecados dos homens serviram de poderoso elemento de defesa retórica da instituição. Como explicar Alexandre VI (1492-1503), o papa Bórgia, dissoluto, promotor de orgias no Vaticano, que comprou o voto decisivo de sua indicação para o Trono de Pedro com quatro mulas carregadas de prata? Ter resistido a Alexandre VI pode ser tomado como a prova definitiva de que a Igreja Católica é sagrada. Fosse produto dos homens, ela teria perecido sob a avalanche de pecados do libertino papa Bórgia.

isso, e também porque se acredita qu mantendo viva a lembrança dos crime nazistas eles não serão repetidos, o pe dido de perdão é reiterado seguidas ve zes pela Alemanha.

Desde Willy Brandt, a expiação d culpa estatal tornou-se parte dos ritual democráticos em outros países. N mês passado, o premiê David Came ron pediu desculpas, em nome do esta do britânico, pelo Domingo Sangrento um massacre de catorze civis irlande ses, em 1972, por tropas inglesas. "C que aconteceu foi injustificado e injus tificável. Em nome do governo, digo que sinto muito", declarou Cameron Seu pedido de perdão tinha todos o requisitos: responsabilidade assumida expiação e mudança de atitude po parte do agressor.

A filósofa alemã Hannah Arend costumava dizer que "só poderemos perdoar a quem pudermos punir". O arcebispo sul-africano Desmond Tutu mostrou que essa premissa nem sempre é verdadeira. Como presidente da Comissão de Verdade e Reconciliação, formada em 1995 para investigar os abusos do apartheid na África do Sul, Tutu colocou frente a frente vítimas e algozes. Os responsáveis pelo regime racista só concordaram em participar com a condição de não serem processados criminalmente. "Esse foi um passo essencial para a reconciliação entre segregadores e segregados, deixando para trás os ressentimentos do passado", diz o antropólogo americano William Ury, da Universidade Harvard. O exemplo sul-africano é diferente da anistia pura e simples. Neste caso, os crimes cometidos por ambos os lados de um conflito são deixados sem punição para

não emperrar uma transição política que interessa a todos. Esse foi o princípio da Lei da Anistia, de 1979, que abriu caminho para a democratização do Brasil após duas décadas de ditadura militar.

A transformação pessoal associada ao ato de perdoar ou ser perdoado é positiva não só para as relações humanas, mas também para a saúde dos envolvidos. "Quem não perdoa não se liberta da raiva e revive o erro o tempo todo, o que acaba se tornando uma poderosa fonte de stress", diz a psicóloga Ana Maria Rossi, da International Stress Management Association (Isma-BR). Um estudo da Universidade Harvard divulgado neste ano revelou que o risco de sofrer problemas cardíacos é duas vezes mais alto em pessoas que guardam rancor de maneira prolongada. Durante três anos, o designer carioca Getúlio Vilanova, de 61 anos, foi perseguido pelo chefe, até ser demitido. Por causa do assédio moral, Vilanova desenvolveu síndrome do pânico. Não saía mais de casa, mal falava com a esposa e só pensava em se vingar, até procurar a Escola de Perdão e Reconciliação (EsPeRe), uma ONG criada na Colômbia em 2000 com o intuito de reconciliar vítimas e algozes da guerra civil. Na filial da EsPeRe de Niterói, Getúlio passou por sessões de análise em grupo que o ajudaram a apagar o ressentimento. Só depois de um ano conseguiu pensar em seu ex-chefe sem sentir o estômago embrulhado.

"Hoje a memória dele não me faz mal. Ele não significa mais nada para mim", diz Getúlio, que nunca se reencontrou com seu ex-chefe. Já no Programa de Reconciliação entre Vítima e Agressor (Vorp, na sigla em inglês), existente desde os anos 1970 nos Estados Unidos, o arrependimento é essencial. Com a ajuda de um mediador, criminosos assumem a responsabilidade por seus atos, pedem perdão às vítimas e assumem o compromisso de fazer uma restituição financeira ou simbólica, como trabalhos voluntários. "Nove em cada dez casos tratados nesse sistema resultam em um acordo entre as partes", diz Marty Price, um dos fundadores do programa. É no reconhecimento dos erros que se igualam perdão e paz de espírito. ■

COM REPORTAGEM DE JULIA CARVALHO

BETTMANN/CORBIS/LATIN STOCK

ESPONTÂNEO
Willy Brandt ajoelha-se diante do memorial às vítimas do gueto de Varsóvia, em 1970, naquele que foi o primeiro de muitos pedidos de perdão da Alemanha pelo holocausto

O polvo, os peixes e os frutos do mar já sabiam:
os espanhóis são campeões.
BORGES
PICUAL
AZEITE DE OLIVA EXTRA VIRGEM
Conheça a tradicional linha de azeites espanhóis que conquistou o mundo: www.borgesalimentos.com.br
Encontros que dão sabor à vida.
BORGES
www.borgesalimentos.com.br